

## DO CHURRASCO *GRIEGO* A LA *ARGEN(CHI)NA*: PRÁTICAS COTIDIANAS, CARTOGRAFIAS TRANSFRONTEIRIÇAS

From *Churrasco Griego* to *la Argen(chi)na*: Daily Practices, Cross-Border Cartographies

Del *Churrasco Griego* a *la Argen(chi)na*: Prácticas Cotidianas, Cartografías Transfronterizas

Luiz Felipe Rodrigues\*  
Dalila Tavares Garcia\*

**Resumo:** A partir de trabalho empírico nas cidades de Puerto Iguazú, Foz do Iguazu e Ciudad del Este, buscaremos discutir os trânsitos e contatos entre alteridades na Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai, com o objetivo de constatar processos cotidianos de transfronteirização que se expressam em diferentes objetos e ações. A transfronteirização é aqui entendida enquanto um processo, dialógico e conflitivo, que denota a presença das diferenças em permanente negociação, interpretação e ressignificação mútuas que se revelam nas diversas interações que envolvem linguagens, comidas, comércio, hábitos, entre outras práticas cotidianas em que se constroem hibridismos.

**Palavras-chave:** Fronteira; Cultura; Cartografias; Transfronteirização; Identidade.

**Abstract:** In order to discuss the transits and contacts between alterities in the Triple Border between Argentina, Brazil and Paraguay, we will build a reflection based in empirical research in the cities of Puerto Iguazú, Foz do Iguazu and Ciudad del Este, with the objective of verifying daily processes of transfrontierization that express themselves in different objects and actions.

### Introdução

Foz do Iguazu – Brasil, Puerto Iguazú – Argentina, Ciudad del Este, Hernandarias e Presidente Franco – Paraguay, formam juntas uma aglomeração urbana transfronteiriça, mais conhecida como Tríplice Fronteira. Ali, os rios Paraná e Iguazu marcam os limites entre os três países. E é atravessando esses rios, pelas pontes da Amizade (Brasil/Paraguai) e da Fraternidade (Brasil/Argentina), pela balsa (Argentina/Paraguai) ou por outros meios como botes e canoas, que as gentes dos diferentes lados se cruzam e realizam interações cotidianas que materializam um território que vai se fazendo transfronteiriço entre diálogos e conflitos.

\* Graduado em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), mestre em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: luiz.felipe.r@outlook.com.

\*\* Graduada em Geografia (Bacharelado) pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: dalila.tavares@hotmail.com.

Transfrontierization is understood here as a dialogic and conflictive process, which denotes the presence of differences in permanent negotiation, interpretation and mutual resignification that are revealed in the various interactions involving languages, food, commerce, habits, among other daily practices in which hybridity is built.

**Keywords:** Border; Culture; Cartographies; Cross-border; Identity.

**Resumen:** A partir de trabajo empírico en las ciudades de Puerto Iguazú, Foz do Iguazu y Ciudad del Este, buscaremos discutir los tránsitos y contactos entre alteridades en la Triple Frontera entre Argentina, Brasil y Paraguay, con el objetivo de verificar procesos diarios de transfronterización que se expresan en diferentes objetos y acciones. La transfronterización es aquí entendida como un proceso, dialógico y conflictivo, que denota la presencia de las diferencias en permanente negociación, interpretación y resignificación mutuas que se revelan en las diversas interacciones que envuelven lenguajes, comidas, comercio, hábitos, entre otras prácticas cotidianas en que se construyen hibridismos.

**Palabras clave:** Frontera; Cultura; Cartografías; Transfronterización; Identidad.



O aglomerado urbano transfronteiriço formado por essas cidades possui uma população de aproximadamente 800 mil habitantes (RODRIGUES, 2016, p. 43). De acordo com Carneiro (2016, p. 66) com referência à Reitel (2006), uma aglomeração urbana pode ser considerada como transfronteiriça quando se distribui sobre o limite internacional ocupando o território de mais de um Estado. Assim, constitui uma zona de contato em que coexistem concorrências e complementaridades nas diversas situações interativas (MOURA e CARDOSO, 2016, p. 206), caracterizando-se pela interdependência (CARNEIRO, 2016).

As diversas situações interativas envolvem diferentes signos, símbolos e informações provenientes dos contextos locais e globais devido a circulação ampliada de bens, capitais, pessoas e informações que marca o estágio de globalização atual. Para Hall (2006, p. 87), a globalização "... tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas". Desse modo, para Anthony McGrew (1992):

A "globalização" se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo,

tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (*apud* HALL, 2006, p. 67).

Os diferentes elementos envolvidos nesses processos acabam se misturando nas práticas cotidianas dos sujeitos, ganhando novas formas e expressões. Com isso, podemos apontar a ideia de que “a fronteira se manifesta no debate entre globalização e cultura como um espaço de mediação das relações sociais entre o Eu e o Outro, um meio de comunicação e de construção de novas identidades/ territorialidades” (MONDARDO, 2018, p. 66). Tais situações nos revelam limites difusos pelas multiplicidades que circulam e se conectam, dando origem a novas situações e discursos que demonstram a condição aberta e móvel das identidades, e essas situações intersticiais produzidas pelos contatos podem ser consideradas como entre-lugares (HANCIAU, 2005, p. 125-127). Desse modo, podemos apontar que as fronteiras “antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas” (PESAVENTO, 2002, p. 35).

Os entre-lugares surgem dos deslocamentos e dos encontros que constroem identidades híbridas a partir da coexistência de “opostos” que se relacionam em um processo que envolve tensões, enraizamentos e errâncias (HANCIAU, 2005, p. 129). Com isso:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado (HALL, 2006, p. 88).

Esses cruzamentos e combinações podem ser entendidos a partir da noção de hibridação. Conforme Canclini, a noção de hibridação designa “... processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas (CLANCLINI, 2003, p. XIX)”. Para ele, “... a hibridação surge da criatividade individual e coletiva”. Os processos de hibridização, transculturação e antropofagização “... propõem, de um lado, a “integração”, o diálogo e a abertura pelas mesclas culturais e, de outro, as tensões, os choques e os conflitos entre diferentes e por vezes divergentes culturas” (MONDARDO, 2018, p. 58).

Nessa perspectiva, podemos apontar que “... as fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social de representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo” (PESAVENTO, 2002, p. 35-36), e com isso:

[...] induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situações ou época, assim como de população, esta dimensão aponta para uma nova reflexão: a de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira é, sobretudo, híbrida e mestiça. (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Nesse sentido, buscaremos neste trabalho demonstrar esse processo em situações empíricas que nos deparamos em trabalho de campo nas cidades aqui tratadas. O trabalho de campo envolveu o andar por alguns lugares da Tríplice Fronteira, em que realizamos observações, escutas e registros fotográficos de expressões que nos revelaram trânsitos culturais entre fronteiras. Buscaremos discutir essas situações a partir de elementos de dois registros fotográficos que consideramos pertinentes para a proposta de discussão, buscando apontar algumas reflexões da reprodução da cultura entre fronteiras e seus imaginários em situações cotidianas.

Toda a gama de materialidades e imaterialidades humanas que envolvem as situações cotidianas é capaz de revelar a teia de relações socioespaciais por trás delas. Nesse sentido, trata-se de uma estética das relações que nos possibilita leituras por diversas perspectivas das mesmas. Atentando-se ao conteúdo socioespacial das materialidades e imaterialidades dos lugares, estas se constituem como cartografias das relações que os produzem. Nas cidades de fronteira das quais estamos falando, por exemplo, as relações transfronteiriças se expressam através de empréstimos linguísticos, hábitos culinários, comidas, objetos, músicas, fachadas de comércios e uma série de costumes rotineiros das pessoas e entre pessoas. Tratamos esse conjunto de objetos e ações como cartografias da fronteira que manifestam processos de transfronteirização e o caráter multiescalar da fronteira na conjuntura atual da globalização.

## O ambular da cultura entre fronteiras nas práticas cotidianas

A imagem 1 foi realizada em uma das ruas mais movimentadas do microcentro de Ciudad del Este. O microcentro é uma área especial da cidade em que se concentram shoppings e demais estabelecimentos comerciais especializados na comercialização de mercadorias importadas, sobretudo, *Made in China* (RABOSSI, 2004; CARNEIRO, 2016). O comércio nessa área é majoritariamente movimentado por compradores brasileiros que buscam adquirir mercadorias diversas por preços menores comparados aos encontrados no Brasil. Isso acontece porque o governo paraguaio concede vantagens para este comércio, não cobrando taxas aduaneiras para a importação de mercadorias (CARNEIRO, 2016, p. 185-189).

**Imagem 1** – Situação cotidiana registrada no microcentro de Ciudad del Este – Paraguai



Fonte: Registro nosso, 2018.

O primeiro elemento que podemos destacar na fotografia é o ato de um sujeito que está com boné verde atrás do caminhãozinho de churrasco grego com uma guampa na mão tomando tereré. O tereré é uma bebida em que se toma água gelada com erva-mate e outras ervas. Destacamos o tereré pelo fato de que no Paraguai, é considerado um dos principais símbolos da identidade paraguaia. Essa bebida é também muito consumida na província de *Misiones* na Argentina, e no estado de Mato Grosso do Sul no Brasil, sendo em algumas situações, elemento de disputa simbólica pautada na ideia de nacionalidade. Uma das disputas que podemos mencionar é o fato de alguns meios midiáticos do Paraguai acusarem os brasileiros de se apropriarem do tereré, da sopa paraguaia e do pucheiro quando a cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul, declarou a sopa paraguaia e o tereré como

patrimônios culturais da cidade<sup>1</sup>. Conforme Leitão e Pinheiro-Machado (2010, p. 243), nesses processos identitários que envolvem disputas por reconhecimento e políticas de patrimônio:

[...] podemos perceber que as coisas (objetos móveis e imóveis) participam ativamente na estruturação dos pertencimentos e no trabalho sobre a memória. É, entretanto, a noção de que os traços (ou objetos) representativos poderão ser variáveis e relativos, escolhidos de acordo com o contexto vivido, o que permite que também os objetos cotidianos, não-oficiais, usados no dia-a-dia, possam ser eficazes “fazedores de memória e identidade (LEITÃO e PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 243).

No entanto, o tereré tem sua origem com o povo guarani, que apesar de ter uma forte presença na formação da sociedade paraguaia de forma marginalizada<sup>2</sup> (SEIFERHELD, 2011), também está presente no Brasil e na Argentina. Nesse sentido, podemos compreender que essas construções e disputas simbólicas entre fronteiras são produzidas geohistoricamente a partir de relações assimétricas de poder. Desse modo, “as fronteiras são fluxos, mas também obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. Elas representam espaços de poder e de conflitos variados” (ALBUQUERQUE, 2010, p. 235). Para Mondardo (2018, p. 56), a fronteira “é o lugar da descoberta do Outro, do encontro, do conflito e do desencontro de territorialidades, de visões de mundo que a tornam o limite do humano”.

Outro elemento que nos chamou a atenção na fotografia é o veículo com o anúncio “CHURRASCO GRIEGO”. O churrasco é uma palavra utilizada pelos brasileiros para caracterizar a carne assada na grelha ou no espeto. O “griego”, por sua vez, está escrito na língua espanhola (língua oficial do Paraguai, juntamente com o guarani), e remete à Grécia. Porém, esse tipo de churrasco pode ter surgido no Império Turco-Otomano por volta de 1.300 a.C, e com a guerra Greco-Turca entre os séculos XIX e XX, os gregos ortodoxos e armênios foram expulsos da Grécia, momento em que o governo Otomano em Istambul decidiu receber os refugiados, e assim, fomentando trocas culturais<sup>3</sup>. Como aponta Rabossi (2004, p. 127), o churrasco grego, que também é chamado de *kebab*, *shawarma*, e outras variantes nas cidades da Tríplice Fronteira, é um elemento interessante para anali-

<sup>1</sup> Uma das reportagens que apontaram esse conflito pode ser verificada num vídeo produzido pelo canal paraguaio SNT no seguinte endereço eletrônico: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=14&v=OkXnezXWI6I](https://www.youtube.com/watch?time_continue=14&v=OkXnezXWI6I).

<sup>2</sup> Para saber mais a respeito ver: SEIFERHELD, David Velázquez. Reparar el pasado. In: **Paraguay: Ideas, Representaciones & Imaginarios**. Primera Edición. Asunción: Secretaría Nacional de Cultura, diciembre de 2011.

<sup>3</sup> As informações foram retiradas do seguinte endereço eletrônico: <https://tudoparachurrasco.com/churrasco-grego/>.

sarmos a dinâmica de alguns fluxos culturais, já que estes também se manifestam nos hábitos alimentares e nos sabores.

Na fotografia, podemos verificar a presença de um vendedor ambulante. Os vendedores ambulantes na fronteira se deslocam entre as cidades comprando e comercializando mercadorias e produtos variados, desde os mais atrelados ao contexto local como a chipa, o alho (ainda que este seja majoritariamente importado da China e da Argentina) e o feijão, como também diversos artigos *Made in China*. Por sua vez, esses objetos são impregnados de significações socialmente construídas e atreladas às diferentes culturas.

O alho e o feijão, por exemplo, são constantemente relacionados no imaginário à gastronomia e cultura brasileira, assim como a chipa à gastronomia e cultura paraguaia. As mercadorias *Made in China*, por outro lado, também podem nos revelar o impacto da globalização econômica e como os fluxos globais se materializam nos contextos locais, combinando-se com os saberes/fazeres do lugar, e assim, podendo adquirir novas significações.

Portanto, podemos refletir que as trocas culturais modificam as coisas ao longo de suas trajetórias espaço-temporais. Para Lasmar (2001), a circulação por diferentes regimes de valor, espaço, e tempo, fazem com que as coisas adquiram uma história e uma experiência ao receber e transmitir significações sociais, sendo assim, marcados pelas pessoas e grupos envolvidos em sua circulação. Nesse sentido, os objetos, os corpos, as falas, os costumes, os alimentos etc., podem ser considerados territórios, pois, impregnados relacionalmente de conteúdo temporal/espaçial, são verdadeiras geografias portáteis (MARQUEZ, 2009).

Marquez (2009) nos apresenta a noção de “geografias portáteis” para pensarmos os objetos, pois através deles, podem apresentar-se cartografias sensíveis que são construídas a partir das relações subjetivas e performatividade cotidianas da sociedade. Assim, “o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais [...]” (WOODWARD, 2009, p. 14).

Por estarem em contato um com os outros em interações que pressupõem fronteiras, podemos considerar tais elementos como transfronteiricidades, pois ao se cruzarem em diálogos e tensionamentos, transmitem e recebem informações, adquirindo um caráter transfronteiriço que também alimenta os imaginários entre as alteridades (RODRIGUES, 2016; 2019). Lopes (2014) traz a palavra transfronteiricidade para identificar processos de formação identitária que se dão além das fronteiras nacionais, promovendo a construção de uma “nação” com raízes

sócio-culturais próprias construídas a partir de identificações de ambiente, hábitos, atividades, atitudes e autorreconhecimentos (LOPES, 2014, p. 7).

Numa perspectiva geográfica, buscamos utilizar o termo transfronteiricidade para identificar objetos, práticas e subjetividades que envolvem interações entre fronteiras, constituindo imaginários, situações e territorialidades transfronteiriças, expressando seus diálogos e conflitos (RODRIGUES, 2016; 2019). Em diálogo com a noção de “geografias portáteis”, trata-se de pensar as transfronteiricidades como mediadoras num processo de “indagação, tradução e imaginação do espaço” (MARQUEZ, 2009, p. 19). Assim, as “representações, imagens e significados, correlatos às materialidades fronteiriças, dão suportes e ao mesmo tempo são suportados como produções morais, éticas, estéticas e performativas” (GOETTERT, 2013, p. 750). Portanto, “dar lugar aos objetos pode ser um caminho rico, especialmente se atentarmos para as relações que os sujeitos tecem com eles, procurando perceber como atuam, que valores, sentidos e práticas guardam, produzem e reproduzem” (LEITÃO e PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 244).

A presença e as práticas corporais das trabalhadoras e trabalhadores ambulantes que atravessam de um lado ao outro da fronteira também reproduzem imaginários culturais. Um exemplo que podemos apontar é que a maior parte dos ambulantes que encontramos nas cidades da Tríplice Fronteira é de nacionalidade paraguaia. Alguns vendem suas mercadorias no lado brasileiro, e por meio dos anúncios que fazem com suas vozes em “portunhol”, pelas vestimentas (alguns vestem camisetas de times de futebol paraguaio), e por traços étnicos, movimentam e negociam significações construídas socialmente, já que são elementos marcados por imaginários produzidos culturalmente. E os corpos são agentes desse processo de reprodução da cultura e das identidades, pois:

O tamanho, a forma, a saúde, a aparência, a vestimenta, o comportamento, a sexualidade e as práticas sexuais afetam como nós interpretamos e somos interpretados pelos outros como sustentam Johnston e Longhurst (2010). Assim, os corpos não são algo natural, dado e universal, mas formas materiais que adquirem sentido no tempo e no espaço (SILVA; ORNAT, 2016, p. 62).

## Globalização *Made in China*: múltiplas escalas de uma fronteira

A imagem 2 nos apresenta uma situação de hibridação de signos, marcada por uma característica da globalização econômica atual, que é a difusão de mercadorias *Made in China*, e que também reflete a imigração chinesa nas cidades da Tríplice Fronteira. O estabelecimento que podemos ver no registro fotográfico faz uma “brincadeira” transformando a palavra Argentina em “*ArgenChina*”, expressando

uma “mistura” advinda de um contato produzido entre-fronteiras por diferentes fluxos envolvendo pessoas, mercadorias, nacionalidades e culturas.

**Imagem 2** – Estabelecimento comercial em Puerto Iguazú – Argentina



Fonte: Registro nosso, 2018.

A pujança do comércio praticado na fronteira, sobretudo, entre Brasil e Paraguai, tem sido há muito tempo abastecida por mercadorias fabricadas pela China. A explosão de vendas de mercadorias importadas em Ciudad del Este, sobretudo, na década de 1990 e para consumidores de nacionalidade brasileira, está relacionada com a industrialização e a abertura econômica da China a partir de 1978 em que o país, passou a criar Zonas Econômicas Especiais voltadas à produção de cópias e mercadorias baratas em massa para exportação (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 260; 2011, p. 100-101). Esse fenômeno de industrialização acelerada deu impulso para uma onda de diáspora chinesa entre as décadas de 1980 e 1990, tendo Ciudad del Este no Paraguai como um dos destinos, já que a inauguração da Ponte da Amizade (1975) ligando Brasil e Paraguai constituía um

ambiente propício para o desenvolvimento do comércio (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 261; 276).

A partir dos anos 2000, o governo brasileiro realizou ações públicas na tentativa de coibir esse comércio, por conta da pressão internacional frente ao comércio informal e à pirataria, o que acarretou numa diminuição de até 80% no lucro desse comércio, levando muitos estabelecimentos em Ciudad del Este fecharem as portas e a saída de muitos imigrantes chineses, taiwaneses e árabes da cidade (PINHEIRO-MACHADO, 2012, p. 262; 276).

O comércio de muambas a partir do Paraguai tipifica a força do fenômeno China a partir de circuitos de bens e pessoas que geram trabalho e renda em setores periféricos (PINHEIRO-MACHADO, 2008a, p. 2-3). A informalidade e a transnacionalização são duas características desse mercado pautado na larga-escala de produção, exportação e distribuição por causa da valorização da quantidade e do preço baixo, produzindo uma vasta cadeia de empregos informais na China, no Paraguai e no Brasil (PINHEIRO-MACHADO, 2008b, p. 120).

O mundo hoje é “made in China”. Da mais simples e banal a mais complexa materialidade da nossa vida cotidiana, de um lápis a um smart-phone, da infinidade de objetos de plástico que enchem as lojas de ‘R\$ 1,99’ a objetos de consumo de luxo, passando por toda classe de eletrônicos, ferramentas, louças, têxteis, roupas, sapatos, brinquedos, até materiais de construção, produtos químicos, agrotóxicos, etc., grande parte do mundo que nos rodeia é fabricado na China (MORENO, 2015, p. 11).

A partir da existência do “*Kiosko Argenchina*” pode-se perceber o modo “... como bens em movimento unem diferentes tipos de pessoas de países e etnias diferenciadas”, desvelando uma cadeia de relações humanas ao longo do processo (LEITÃO e PINHEIRO-MACHADO, 2010, p. 240). Ao aprofundarmos o olhar a partir do estabelecimento que encontramos fazendo referência a uma relação Argentina-China, podemos adentrar em uma das várias conexões que ultrapassam a escala local da Tríplice Fronteira, atingindo uma escala global.

Nesse sentido, é necessário considerar que há múltiplas fronteiras em diferentes escalas e diferentes dimensões em uma fronteira “local” dada por limites entre diferentes países. Atualmente, com o alcance global de variados fluxos humanos (econômicos, sociais, informacionais, etc.), a fronteira e seus processos de fronteirização são atravessados por processos multiescalares. Segundo Sassen (2010, p. 17-19), os processos e as formações globais estão desestabilizando a hierarquia escalar centrada no Estado nacional, e estes, são multiescalares e fazem que o local também adquira um caráter multiescalar. Sendo assim, “é um sistema multiescalar que opera entre escalas” (p. 20).

Os elementos expressados nas corporalidades dos sujeitos, nos objetos e demais manifestações que se mostram no cotidiano, conformam “um mundo paralelo de sinais que guiam o olhar e a apreciação, por intermédio dos quais os homens e as mulheres percebem e qualificam a si mesmos, o corpo social, o espaço e o próprio tempo” (HANCIAU, 2005, p. 136). Conforme Goettert (2013, p. 749), “representa-se, imagina-se e significa-se o “outro” como parte de uma certa condição ontológica de sujeitos de identidade, sempre marcada e marcadora de diferenças”.

Longe de ser fixa, conforme Sahlins (2011, p. 7), a cultura é historicamente produzida e alterada a partir da ação, já que os sujeitos repensam criativamente os esquemas convencionais, dando sentido aos objetos a partir de suas próprias compreensões de mundo. Dessa forma “os homens em seus projetos práticos e em seus arranjos sociais, informados por significados de coisas e de pessoas, submetem as categorias culturais a riscos empíricos” (SAHLINS, 2011, p. 9).

Com isso, refletimos que pela ação criativa e cotidiana dos sujeitos, a cultura é colocada em movimento. E o nosso desafio é analisá-la em movimento (HANCIAU, 2005, p. 126). Nisso, podemos concordar com Clifford (2000), quando coloca que ao analisar as multiplicidades é possível compreender que as culturas são viajantes. Esse processo, que envolve as diferentes identidades, nos exige entendê-las como abertas, relacionais, situacionais, móveis e instáveis, sendo reelaboradas e contrastadas com as outras em seus confrontos nas diversas situações sociais (ALBUQUERQUE, 2010, p. 235).

## Considerações finais

Assim, procuramos demonstrar brevemente alguns elementos desses trânsitos culturais que se expressam nas situações cotidianas das cidades de fronteira aqui tratadas. Por meio dos registros fotográficos que trouxemos, podemos verificar de que forma alguns signos se misturam e se contrastam a partir das práticas dos sujeitos, que ao se territorializarem, dão lugar a outras expressões que se apresentam muitas vezes de maneiras sutis, dando a cada lugar, suas singularidades.

É a partir das práticas cotidianas das pessoas que essas diferentes significações são colocadas em contato e transformação, produzindo entre-lugares que vão tecendo um processo de transfronteirização, que com o advento da conjuntura da globalização atual, deve ser entendida como um processo que acontece num sistema multiescalar.

Através do presente artigo, também buscamos propor um olhar ampliado nos estudos fronteiriços elucidando a importância de atentar-se aos objetos e ações nas situações cotidianas, bem como, às relações presentes ao longo dos processos que envolvem tais objetos e ações, já que, podem revelar os conflitos, os diálogos e as múltiplas escalas da reprodução da fronteira.

## Agradecimentos

Agradecemos a CAPES pela bolsa de demanda social.

## Referências

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2. ed. São Paulo: EDUAP, 2003.
- CARNEIRO, Camilo Pereira. *Fronteiras irmãs: transfronteirizações na Bacia do Prata*. Porto Alegre: Editora Ideograf, 2016.
- CLIFFORD, James. Culturas viajantes. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papius, 2000. p. 50-79.
- GOETTERT, Jones Dari. A fronteira como dispositivo de poder, de controle e de identidade (considerações iniciais). *Geografia em questão*, Marechal Cândido Rondon, v. 4, n. 2, p. 56-71, 2011.
- GOETTERT, Jones Dari. Fronteiras na fronteira: falas atravessadas entre Brasil e Paraguai. *Revista Geomorte*, Manaus, v. 7, n. 1, p. 748-766, 2013.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HANCIAU, Núbia. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) *Conceitos de Literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, p.125-142, 2005.
- LASMAR, Jorge Mascarenhas. O fluxo de arte e as relações internacionais: narrativa, circulação e identidade nacional. *Fronteira*, Belo Horizonte, v.1, n. 1, p. 83-102, nov. 2001.
- LEITÃO, Débora Krischke; PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Tratar as coisas como fatos sociais: metamorfoses nos estudos sobre cultura material. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 231-247, 2010.
- LOPES, Cicero Galeno. Transfronteiricidade na cultura pampiana. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL BIOMA PAMPA: valores biológicos, culturais e econômicos - Conferência "Pampa, espaço transfronteiriço", 2014, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: UFRGS, 2014.
- MARQUEZ, Renata. *Geografias portáteis: arte e conhecimento espacial*. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- MONDARDO, Marcos. *Territórios de trânsito: dos conflitos entre Guarani e Kaiowá, paraguaios e "gaúchos" à produção de multi/transterritorialidades na fronteira*. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- MORENO, Camila. *O Brasil made in China: para pensar as reconfigurações do capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2015.

- MOURA, Rosa; CARDOSO, Nelson Ari. Mobilidade transfronteiriça: entre o diverso e o efêmero. In: BALBIM, Renato; KRAUSE, Cleandro; LINKE, Clarisse Cunha (Orgs.). *Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano*. Brasília: IPEA: ITDP, 2016. p. 205-222.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil-Uruguaí-Argentina*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-39.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Mercados periféricos na ordem do capitalismo global: a rota China-Paraguai-Brasil. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. *Anais [...]*. Brasília: RBAs, 2008a.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. *Revista brasileira de ciências sociais*, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 117-133, 2008b.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Fazendo guanxi: dádivas, etiquetas e emoções na economia da China pós-Mao. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 99-130, 2011.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. A Diáspora Chinesa na Fronteira Brasil/Paraguai: Fluxos Globais e Dinâmicas Locais de um Processo Migratório em Transformação. In: TEIXEIRA, Paulo Eduardo *et al.* (Org.). *Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 257-278.
- RABOSSI, Fernando. *Nas ruas de Ciudad del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteira*. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- RODRIGUES, Luiz Felipe. “Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia - Bacharelado) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2016.
- RODRIGUES, Luiz Felipe. “Alho, patrona?”: Cartografias da Tríplice Fronteira Argentina-Brasil-Paraguay entre gentes ambulantes. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- SASSEN, Saskia. Elementos da sociologia da globalização. In: SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 15-41.
- SEIFERHELD, David Velázquez. Reparar el pasado. In: VALINOTTI, Ana Barreto *et al.* *Paraguay: Ideas, Representaciones & Imaginarios*. Asunción: Secretaría Nacional de Cultura, 2011. p. 175-187.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; HENDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da (Orgs.). *Plurilocalidades dos sujeitos: representações e ações no território*. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-72.